

SÍNDROME DE BURNOUT: AVALIAÇÃO DE FATORES OCUPACIONAIS EM TÉCNICOS DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL DO SUDOESTE BAIANO

VANESSA DIAS DA SILVA¹, SIRLEY SANTOS ROCHA DE MATOS², EZEQUIEL BRITO PRADO³, SUÉLI LUZ SILVA⁴, HUDSON COSTA DOS SANTOS⁵, MILENA DE JESUS VIANA⁶, RODRIGO LEITE RANGEL⁷, LUCAS BRITO DOS SANTOS, RENATO NOVAES CHAVES⁸

¹ Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). eusouan1@hotmail.com.

² Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). sirleysantosrocha71@hotmail.com.

³ Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). pradoezequiel29@gmail.com.

⁴ Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). sueleluz06@hotmail.com.

⁵ Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). hu.costa@hotmail.com.

⁶ Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). myllanarciso@gmail.com.

⁷ Discente de enfermagem do Centro Universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). rodrigo.235@hotmail.com.

⁸ Professor Doutor em Memória, Envelhecimento e Dependencia Funcional. Docente do Centro universitário de Tecnologia e Ciências de Vitoria da Conquista BA (UniFTC). rnc_novaes@hotmail.com.

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi identificar os fatores ocupacionais que podem desenvolver a Síndrome de *Burnout* em Técnicos de Enfermagem de um hospital do Sudoeste Baiano. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva, levantamento de campo e corte transversal, realizada na cidade de Vitoria da Conquista – BA, em uma Unidade Hospitalar de médio porte, tendo como participantes os técnicos de enfermagem em efetivo exercício de suas atividades selecionados por critérios de elegibilidade. Para coleta de dados, foi utilizado um questionário para descrever o perfil sociodemográfico dos participantes e o Maslach Burnout Inventory (MBI) para avaliar a exaustão emocional, despersonalização e realização profissional. Para a análise e interpretações dos dados, pretende-se usar o programa estatístico *Statistical Package For Social Science* (SPSS), versão 20.0. Os resultados demonstraram a prevalência das seguintes características: sexo feminino (63,6%), com idade entre 20 e 40 anos (72,7%), solteira, divorciada, separada ou viúva (54,5%), com renda de um a três salários mínimos (50%) e corresidentes com mais quatro ou acima de quatro pessoas (63,6%). Sobre as condições de saúde, o estado geral foi considerado razoável (40,9%). Quanto as condições de trabalho, 50% trabalham 40 horas semanais, 40,9% trabalham como técnico de enfermagem entre 6 a 10 anos, 45,5% trabalha entre 6 a 10 anos no hospital, 63,6% nunca receberam capacitação sobre saúde mental e 31,8% afirmam que estão muito satisfeitos com relação ao trabalho. E, em relação a classificação da síndrome de *Burnout*, 50% dos entrevistados têm a possibilidade de desenvolver a doença, 36,4% estão na fase inicial, 4,5% dos participantes já apresenta o *Burnout* instalado e 9,1% não apresenta nenhum índice de

Burnout. Ao término deste estudo, verificou-se que grande parte dos participantes do estudo tem a possibilidade de desenvolver a SB, o que pode apresentar um impacto negativo em sua vida.

Palavras-chave: Estresse Ocupacional; Profissionais de Enfermagem; Síndrome de Burnout.

BOURNOUT SYNDROME: EVALUATION OF OCCUPATIONAL FACTORS IN NURSING TECHNICIANS AT A HOSPITAL IN SOUTHWEST BAHIA

ABSTRACT

The objective of the research was to identify the occupational factors that can develop Burnout Syndrome in Nursing Technicians at a hospital in the Southwest of Bahia. This is a quantitative, descriptive, field survey and cross-sectional survey, carried out in the city of Vitória da Conquista - Ba, in a medium-sized Hospital Unit, with nursing technicians participating in the effective exercise of their activities selected by eligibility. To collect data, a questionnaire was used to describe the sociodemographic profile of the participants and the Maslach Burnout Inventory - MBI to assess emotional exhaustion, depersonalization and professional achievement. For data analysis and interpretation, use the statistical program Statistical Package for the Social Science (SPSS), version 20.0. The results showed a prevalence of females (63.6%), aged between 20 and 40 years (72.7%), single, divorced, separated or widowed (54.5%), with income from one to three installments minimum (50%) and corresponds to more than four or more than four people (63.6%). Regarding health conditions, the general condition was considered reasonable (40.9%). As for working conditions, 50% work 40 hours a week, 40.9% work as a nursing technician between 6 and 10 years, 45.5% work between 6 and 10 years without a hospital, 63.6% have never received health training mental and 31.8% say they are very satisfied with their relationship with work. Regarding the classification of Burnout syndrome, 50% of respondents have the possibility to develop, 36.4% are in the initial phase, 4.5% of the participants already have Burnout installed and 9.1% do not have any rate of Exhaustion. At the end of this study, check if a large part of the study participants has the possibility of developing a BS, or that it can have a negative impact on their life.

Keywords: Occupational Stress; Nursing Professionals; Burnout Syndrome.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de *Burnout* (SB) é caracterizada por um tipo específico de estresse laboral no qual o profissional expõe-se, de forma crônica, a estressores ocupacionais. Caracteriza-se por três dimensões, sendo: Exaustão Emocional (EE), Despersonalização (DE) e baixa Realização Profissional (RP). Neste sentido, profissionais de saúde são propensos à SB por lidarem diretamente com pessoas, sofrimento e morte (CARLOTTTO, 2014).

A SB é uma doença ocupacional considerada como problema de saúde pública que tem relação direta com o trabalho e estar presente na lei 3.048/99 da Previdência Social em seu anexo II lista B, grupo V CID 10 (MENEGOL, 2017).

O trabalho exercido pelo profissional da enfermagem é marcado por inúmeras responsabilidades e exigências, visto que essa categoria profissional lida diariamente com as adversidades da doença e da dor. Essas questões relacionam-se diretamente com situações estressantes, esgotamento físico e mental, bem como fatores externos como carga horária excessiva, desvalorização e baixa remuneração (CARLOTTO, 2014).

Vale salientar que o trabalho exercido pela enfermagem é muito relevante, pois lida diretamente com a saúde das pessoas em seus aspectos positivos e negativos e, por meio de sua atuação, é capaz de promover ações em saúde para a melhoria da qualidade de vida da população e também implementar ações interventivas quando em situações de agravos a saúde e risco de vida do indivíduo (LIMA, 2016).

Nessa conjuntura, é imprescindível destacar que, dentro da categoria da enfermagem, o profissional técnico é quem executa as ações de assistência estabelecidas pelo enfermeiro. Sendo assim, trata-se de uma ocupação que está relacionada com fatores estressantes, jornadas de trabalho intensas e também frustrações, sobretudo, por que, ao lidar com a vida de outras pessoas, lida-se também com suas emoções e sentimentos (LIMA, 2016).

Justifica-se a escolha dos técnicos em enfermagem atuantes na área hospitalar, pois se acredita que estão mais susceptíveis a desencadearem a síndrome, em virtude da atividade laboral que executam. Também pertencem a uma classe profissional que está 24 horas em cuidados com os mais diversos tipos de patologias e pacientes.

O estudo é de suma importância para instituições, estudiosos e profissionais dessa área, uma vez que tende a apontar os fatores de risco ocupacionais que estão envolvidos no trabalho do técnico em enfermagem para o desencadeamento da patologia laboral. Posto isso, a descoberta precoce, de sinais e sintomas da síndrome de *Burnout*, pode suscitar uma discussão sobre a sua saúde, bem como alertar os profissionais e as instituições de saúde sobre a saúde biopsicossocial.

Neste contexto, esta pesquisa tem como pergunta norteadora: quais são os fatores ocupacionais que podem desenvolver a Síndrome de *Burnout* em Técnicos de Enfermagem de um hospital do Sudoeste Baiano? Sendo assim, teve-se como objetivo geral deste estudo: identificar os fatores ocupacionais que podem desenvolver a Síndrome de *Burnout* em Técnicos de Enfermagem de um hospital do Sudoeste Baiano; além de descrever o perfil

sociodemográfico, condições de saúde e de trabalho dos técnicos de enfermagem; identificar os elementos estressores nas diversas atividades ocupacionais destes profissionais.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa tem caráter descritivo, quantitativo e corte transversal, foi realizada na cidade de Vitória da Conquista (BA), em uma Unidade Hospitalar de médio porte, com atendimento misto (público/privado), no setor de clínica cirúrgica, clínica médica, clínica geral, clínica emergência e clínica obstétrica.

Dessa forma, constituíram como participantes desta pesquisa 22 técnicos de enfermagem em efetivo exercício de suas atividades, com idade igual ou superior a 18 anos, contratados e concursados, com mais de um ano de trabalho, de ambos os sexos. A Unidade possui um total de 40 técnicos, porém, somente 22 foram entrevistados.

Os demais técnicos não participaram por serem profissionais que exerciam a função por meio de contrato de estágios remunerados ou estarem de licença médica, férias e atestados; além disso, 18 profissionais se recusaram a participar da pesquisa devido à sobrecarga de trabalho. A pesquisa foi realizada no período de 28 de novembro a 12 de dezembro do corrente ano, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Sendo assim, foi utilizado como instrumento de coleta um questionário sociodemográfico elaborado pelos pesquisadores envolvidos, a fim de coletar informações acerca do perfil e condição de saúde de cada participante envolvido na pesquisa, além dos fatores estressores vivenciados por eles no ambiente de trabalho.

Além disso, foi utilizado o Maslach Burnout Inventory (MBI), elaborado por Christina Maslach e Susan Jackson em 1978 e considerado como instrumento mais utilizado para avaliar a Síndrome de Burnout. Sua construção partiu de duas dimensões, sendo, a exaustão emocional e a despersonalização, todavia a terceira dimensão, realização profissional, surgiu depois de um estudo desenvolvido com centenas de pessoas de uma ampla gama de profissionais (MASLACH, 2005).

A versão do MBI é constituída por 22 itens que exploram os aspectos dos três níveis de exaustão profissional, despersonalização e reduzida realização profissional. Sendo que sua pontuação é representada pela escala do tipo Likert de sete pontos, sendo que “1” – nunca, “2” -algumas vezes por ano, “3” -uma vez por mês, “4”-algumas vezes por mês, “5” -uma vez

por semana, “6”-algumas vezes por semanas e “7”-todos os dias. Após a somatória obtida por dimensões da SB, segue a classificação dos níveis alto, médio e baixo (MASLACH, 2005).

Os dados coletados foram tabulados em planilhas do Excel e analisados através do programa estatístico Statistical Package For Social Science (SPSS), versão 20.0. Este software é um instrumento que permite a realização de cálculos estatísticos, favorecendo uma rápida interpretação de seus resultados (MUNDSTOCK et al., 2006).

Todas as ações foram pautadas de acordo com os princípios éticos que constam na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi cadastrada a Plataforma Brasil e autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Instituto Mantenedor De Ensino Superior Da Bahia (IMES), no dia 25 de novembro de 2019, sob o parecer de número 3.722.317.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos dados obtidos, foi traçado o perfil sociodemográfico dos participantes como descrito na Tabela 1, em que se observa que, em relação à idade dos 22 participantes da pesquisa, 16 (72,7%) tinham idade entre 20 e 40 anos, 14 (63,6%) são do gênero feminino, 12 (54,5%) eram solteiros, divorciados, separados ou viúvos, e quanto a corresidência 14 (63,6%) moravam com quatro ou acima de quatro pessoas e em relação à renda 11 (50,0%) afirmaram receber entre 1 a 3 salários mínimos.

Tabela 1 – Distribuição da frequência absoluta e relativa do perfil sociodemográfico dos participantes.

CATEGORIAS	VARIÁVEIS	F.A.	F.R. (%)
Idade	20 a 40	16	72,7
	41 a 59	5	22,7
	60 ou mais	1	4,5
Gênero	Masculino	8	36,4
	Feminino	14	63,6
Estado Civil	Solteiro, Divorciado/separado, viúvo	12	54,5
	Casado/União estável	10	45,5
Corresidência	Duas	5	22,7
	Três	3	13,6
	Quatro	7	31,8
	Acima de quatro	7	31,8
Renda familiar	Nenhuma renda.	1	4,5
	Até 1 salário mínimo	4	18,2
	De 1 a 3 salários mínimos	11	50,0

De 3 a 6 salários mínimos	6	27,3
Total	22	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa

F.A. Frequência Absoluta; F.R. Frequência Relativa.

* salário mínimo considerado R\$ 998,00

Almeida, Santos e Vasconcelos (2019), ao realizarem estudos na cidade de Patos (PB), sobre *Burnout* em técnicos de enfermagem em centro de especialidades médicas, notou-se a prevalência de indivíduos com idade entre 25 a 65 anos, esses dados corroboram em partes com o atual estudo.

No estudo de Sousa, Cabral e Batista (2018), realizado para saber como se encontram configuradas as variáveis da *Síndrome de Burnout* em um Hospital Privado de Belo Horizonte (MG), com a participação de 10 técnicos em enfermagem, constatou que a maioria dos trabalhadores desta área eram do gênero feminino e tinha idade superior a 25 anos e mais da metade afirmava ser solteira. No mesmo trabalho, relata-se que a síndrome de *Burnout* ocorre em decorrência do estresse crônico, sendo identificada como desmotivação do trabalho e ao desprazer de trabalhar.

Para Machado *et al.* (2015a), a profissão de enfermagem está em completo rejuvenescimento, chegando a ter um quarto do seu contingente formado por trabalhadores com até 30 anos, ficando evidente que, em sua maioria, são profissionais iniciando no mercado de trabalho e na sua vida profissional. Já para Almeida, Santos e Vasconcelos (2019), os profissionais com o maior risco de manifestação de *Síndrome Burnout* são os mais novos, devido à pouca experiência ou desencanto

Souza *et al.* (2014) descrevem a identidade da profissão de enfermagem como predominantemente feminina porque as características, como carinho, cuidado e sensibilidade, apareceram como sendo específicas das mulheres. Os autores Jodas e Haddad (2009) atribuem o casamento ou a união estável e ao fato de ter filhos uma menor propensão ao desenvolvimento de *Burnout*.

Para Lima *et al.* (2017), é necessário uma melhor valorização e remuneração destes profissionais, pois a má remuneração junto com a insatisfação do profissional reflete na precarização falhas em atendimentos e erros hospitalares.

Sobre as condições de saúde dos Técnicos de Enfermagem, observa-se, na Tabela 2, que, na categoria sobre o estado geral de saúde, foi considerado bom por 10 (40,5%) dos participantes. Em relação às Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), a soma dá mais

que 100%, uma vez que os participantes puderam escolher mais de uma alternativa, porém 11 (44,4%) dos entrevistados afirmam não possuir nenhuma.

Já em relação ao tempo que possui a DCNT, observou-se que a prevalência foi nenhuma em 11 (50%). Sobre o consumo de cigarro, todos os participantes relataram nunca ter exercido a prática de fumar. Ficou evidente que, na categoria uso do álcool, 13 (59,1%) consome apenas em ocasiões especiais.

Tabela 2 – Distribuição da frequência absoluta e relativa das condições de saúde dos participantes.

CATEGORIAS		VARIÁVEIS	F.A.	F.R. (%)
Estado Geral de saúde	Muito bom		3	13,6
	Bom		10	45,5
	Razoável		9	40,9
Uso de bebida alcoólica	Apenas fim de semana		5	22,7
	Apenas em ocasiões especiais		13	59,1
	Nunca		4	18,2
Uso de cigarro	Nunca		22	100,0
DCNT	DM		1	3,7%
	HAS		4	14,8%
	Respiratória		5	18,5%
	Osteomuscular		4	14,8%
	Outra		1	3,7%
Tempo de DCNT	Nenhuma		11	44,4%
	Não possui		11	50,0
	De 1 até 5 anos		4	18,2
	De 6 até 10 anos		2	9,1
	Mais de 10 anos		5	22,7
		Total	22	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa

F.A. Frequência Absoluta; F.R. Frequência Relativa; DCNT – Doença Crônica Não Transmissível. HAS – Hipertensão Arterial Sistêmica; DM – Diabetes Mellitus.

Segundo Junqueira *et al.* (2017), ao realizarem estudos sobre o uso problemático de álcool por 402 profissionais de enfermagem de um hospital geral localizado no município de Uberlândia (MG), constatou que 49,8% da amostra consumiam bebidas alcoólicas, esse índice é preocupante por se tratar de profissionais de saúde. Ainda para os autores, resultados semelhantes foram encontrados no padrão de 50% da população brasileira, e a *American Nurses Association* (ANA) também estimou que 10% das enfermeiras são dependentes de álcool e ou de outras drogas.

Em estudo realizado com 272 profissionais da equipe de enfermagem de um hospital filantrópico de Pelotas (RS), evidenciou-se que 30% tinham alguma DCNT, 48,9% faziam uso de medicamento contínuo e 73,9% confirmaram antecedentes DNCT em familiares. As DCNT mais comuns foram HAS 20,6%, doença respiratória crônica 6,3%, DM 5,5% e Diabetes 6,2% (DOMINGUES, 2017).

Para Domingues (2017), as DCNT, como a HAS, DM e a obesidade, são sérios problemas de saúde pública, que vão sendo desenvolvidas ao longo da vida e produzem graves complicações. Estudos sobre estas doenças têm mostrado com altas prevalências em profissionais da equipe de enfermagem, pois estes profissionais apresentam vários fatores de risco para depressão e doenças crônicas não transmissíveis (VASCONCELOS; MARTINO; FRANÇA, 2018).

Para Sousa, Cabral e Batista (2018), as fontes de pressão e de insatisfação têm origens no ambiente físico no qual o trabalho é desenvolvido e o barulho em excesso. Já o desgaste físico e mental, está relacionado à sobrecarga de trabalho, à cobrança excessiva e à falta de reconhecimento.

A tabela 3 abaixo aborda sobre a condição de Trabalho dos técnicos de enfermagem, na qual é possível observar que, em relação ao total de carga horária, 11 (50%) dos participantes trabalham 40 horas semanais, 11 (50%) não possui nenhum vínculo empregatício fora o atual. Quanto ao tempo que trabalha como técnico de enfermagem, 9 (40,9%) trabalham entre 6 a 10 anos, 10 (45,5%) trabalham entre 6 a 10 anos no hospital, 14 (63,6%) não receberam nenhum tipo de formação sobre saúde psíquica e, quanto a satisfação geral do trabalho, 8 (36,4%) consideraram razoável.

Tabela 3 – Distribuição da frequência absoluta e relativa das condições de trabalho dos participantes.

CATEGORIAS	VARIÁVEIS	F.A.	F.R. (%)
Total da carga horária	30h semanais	5	22,7
	40h semanais	11	50,0
	50h semanais	1	4,5
	60h semanais	2	9,1
	+ de 70h semanais	3	13,6
Total de vínculos empregatícios fora o atual	Nenhum	11	50,0
	Apenas 1	8	36,4
	Apenas 2	3	13,6
Tempo que trabalha como Técnico em enfermagem	1 a 5 anos	7	31,8
	6 a 10 anos	9	40,9
	Mais de 10 anos	6	27,3

	1 a 5 anos	7	31,8
Tempo que trabalha no hospital	6 a 10 anos	10	45,5
	Mais de 10 anos	5	22,7
Recebeu algum tipo de formação sobre a saúde psíquica	Sim	2	9,1
	Não	14	63,6
	Não me lembro	6	27,3
Satisfação geral com seu trabalho	Muito bom	7	31,8
	Bom	7	31,8
	Razoável	8	36,4
	Total	22	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa

F.A. Frequência Absoluta; F.R. Frequência Relativa;

Machado et al. (2015b), em seu artigo que analisa a situações das condições de trabalho em que a equipe de enfermagem atua no Brasil, conclui que 17,9% consideram excelentes e ótimas as condições de trabalho do setor público, enquanto, para 39,2%, elas são boas e 34,6% classificam como regulares. As consideradas como péssimas representam 8,4%. Já no privado, a avaliação positiva soma 39,7%, sendo boas para 41,3% e regulares para 17% e 2% consideram péssimas.

Em um estudo realizado no hospital do Vale do Sinos (RS), com 49 técnicos de enfermagem, evidenciou-se que, quanto ao conteúdo do trabalho: 13,47% gosta do trabalho, 10,80% sente-se valorizado, 10,80% acham o trabalho estimulante e apenas 2,7% da amostra se entende insatisfeita com o trabalho. Já no quesito relação e organização do trabalho, 10,35% da amostra estavam contentes com o ritmo de trabalho, 14,24% se relacionavam bem com os colegas, 12,15% se relacionavam bem com os superiores e apenas 3,02% estavam contentes com o salário (RENNER et al., 2014).

Segundo Almeida, Santos e Vasconcelos (2019), em seu estudo realizado na cidade de Patos-Pb, os profissionais com carga de Trabalho mais elevada têm maior tendência a Síndrome de *Burnout*. Ainda foi possível notar que 60,3% da equipe de enfermagem trabalhava 40 horas semanais ou mais e 15,7% menos de 40 horas semanais, constatando que, dos profissionais que trabalhavam mais de 40 horas, 46,6% apresentavam despersonalização e 46,6% manifestaram baixa realização profissional; além disso, 26,6% dos participantes apresentam a Síndrome de *Burnout* e 13,3% elevado risco de desenvolvimento da síndrome.

Sartoreto e Kurcang (2017) definem a satisfação no trabalho como sentir-se bem através da realização daquilo que gosta, possuindo assim as necessidades atendidas e, consequentemente, suas expectativas no trabalho contempladas. Nesse sentido, sugere-se que

os profissionais que obtiveram médio e baixo risco para manifestação de SB são aqueles de maturidade profissional de maior domínio e em situação de estresse.

Segundo Lima et al. (2017), para que o profissional preste um bom cuidado ao paciente, ele precisa estar satisfeito com as suas condições de trabalho, com seu salário, com a interação interpessoal e com a carga horária de trabalho. O trabalho que atende essas condições acaba tornando produtiva e mais eficaz a rotina do trabalhador.

Como pode ser visualizado na Tabela 4, que trata da distribuição percentual da classificação da síndrome de *Burnout* nos participantes, é possível notar que 2 (9,1%) não possui nenhum índice de *Burnout*, 11 (50,0%) dos participantes têm possibilidade de desenvolver a SB, 8 (36,4%) se encontram na fase inicial do *Burnout* e 1 (4,5%) tem o *Burnout* instalado.

Tabela 4 – Distribuição da frequência relativa, pontos e médias da classificação da síndrome de *Burnout* nos participantes.

Classificação	P	M	n	(%)
Nenhum índice de <i>Burnout</i>	0 – 20	20,00	2	9,1
Possibilidade de desenvolver	21 – 40	32,81	11	50,0
Fase inicial do <i>Burnout</i>	41 – 60	47,25	8	36,4
<i>Burnout</i> instalado	61 – 80	67,00	1	4,5

Fonte: Dados da pesquisa

n – Amostra; (%) Porcentagem; M – Média; P – Pontos de corte do questionário.

Almeida, Santos e Vasconcelos (2019), em um estudo realizado com técnicos de enfermagem na cidade de Patos-Pb, mostrou que a possibilidade de desenvolvimento da síndrome na faixa etária de 21 a 40 anos, visto que são profissionais jovens e considerados inexperientes, o que os deixam mais tensos diante de intercorrências que demandam agilidade, experiência e conhecimento. Verificando no estudo que 26,6% apresentavam a síndrome e 13,3% tinham um elevado risco de desenvolvimento de *Burnout*.

Em estudo realizado com 61 trabalhadores de enfermagem do Pronto Socorro de Hospital Universitário, mostrou-se que 8,2% dos entrevistados apresentavam prevalência a síndrome de *Burnout*, 54,1% possuíam alto risco para manifestação da síndrome e 37,7% baixo risco de manifestação da doença. Os fatores para a apresentação da doença foram 47,5% falta de tempo para si, 31% dores no ombro, 26,2% cansaço mental, 26,2% dificuldade com sono e 24,4% alegam o estado de aceleração contínuo (JODAS; HADDAD, 2009).

Para Souza et al. (2018), a Síndrome de *Burnout* pode ser considerada como um problema de saúde ocupacional que leva o indivíduo a uma despersonalização e uma baixa realização profissional, sendo relacionado às atividades laborais.

Ainda segundo Chaves (2013), essa síndrome tem se tornado, nos últimos anos, uma patologia de preocupação para a saúde pública, sendo relacionada a qualidade de vida do trabalhador e de suas contribuições de trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados revelaram que a maioria dos técnicos de enfermagem investigados neste estudo foram do sexo feminino, com idade 20 a 40 anos, estado civil, solteira, divorciada, separada ou viúvos, e com corresidência de quatro ou acima de quatro pessoas. Trabalhavam 40 horas semanais e tinham uma renda entre 1 a 3 salários mínimos, apresentavam percepção positiva sobre a importância do trabalho realizado e se sentiam satisfeitas com a profissão.

Com relação às condições de saúde, a pesquisa demonstrou que os técnicos de enfermagem consideravam seu estado geral de saúde como bom e faziam o uso de bebidas alcoólicas apenas em ocasiões especiais, não eram fumantes, a DNCT mais comum foi a respiratória e a maioria dos participantes nunca recebeu nenhum tipo de formação sobre a saúde psíquica.

Entende-se que, devido à quantidade de pacientes assistidos pelo hospital, é necessário que o indivíduo fique mais tempo prestando a assistência, o que gera uma maior carga de trabalho como foi demonstrado na pesquisa em que a maioria dos profissionais trabalhavam mais de 40 horas semanais, por conseguinte, a demanda fica sobrecarregada e gerava a sobrecarga de trabalho dos profissionais.

Ao término deste estudo, verificou-se que grande parte dos participantes têm a possibilidade de desenvolver a SB, o que pode apresentar um impacto negativo em sua vida.

Embora grande parte dos entrevistados apresente a possibilidade de desenvolver a SB e alguns já estejam em sua fase inicial, existe a necessidade de uma maior ampliação do conhecimento sobre a patologia para estes profissionais para que seja minimizada a consequências da SB, visto que é um grave problema de saúde pública e o fato desses profissionais nunca terem recebido capacitação sobre saúde psíquica é um fator que contribui para os achados desta pesquisa.

Ressalta-se ainda que a análise das respostas do questionário *Maslach Burnout Inventory* (MBI) é utilizado para rastreio dos sinais e sintomas e, com isso, estabelece uma probabilidade para avaliar a SB.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. R.; SANTOS, J.; VASCONCELOS, T. C. Burnout em Técnicos de Enfermagem em Centro de Especialidades Médicas. **Temas em Saúde**. v. 1, n. 1, p. 111- 131, 2019. Disponível em: <http://temasemsauda.com/wp-content/uploads/2019/03/fippsi06.pdf>. Acesso 22/11/2019
- BATISTA, J. B. V. et al. Síndrome de Burnout: Confronto entre o Conhecimento Médico e a Realidade das Fichas Médicas. **Psicologia em Estudo**. v. 16, n. 3, p. 429-435, 2011 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a10.pdf> Acesso em 15/12/2018
- CARLOTTO, M. S. Prevenção Da síndrome de Burnout em Professores: um relato de experiência. **Psicologia da Saúde**. v. 22, v. 1, p. 31-39, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?lookup=0&q=Prevenção+Da+síndrome+de+Burnout+em+Professores:+um+relato+de+experiência.&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1#d=gs_qabs&p=&u=%23p%3DteDEmz9WufMJ. Acesso em 15/12/2018.
- CHAVES, R. N. SÍNDROME DE BURNOUT COMO AMEAÇA A SAÚDE DO PROFESSOR: identificação dos fatores de risco em docentes de uma Escola Primária Municipal de Vitória da Conquista – BA. **Revista Eletrônica da Fainor**. v. 6, n. 1, p. 160-171, 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11762528-Renato-novaes-chaves.html>. Acessado 05/12/2019.
- DOMINGUES, J. G. **Prevalência de Doenças Crônicas não Transmissíveis em Profissionais de Enfermagem Hospitalar no Sul do Brasil**. 83 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Mestrado Profissional em Saúde da Mulher, Criança e adolescente. 2017. Disponível em: <http://pos.ucpel.edu.br/mpsmca/wp-content/uploads/sites/2/2018/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Jaqueline-Domingues.pdf>. Acessado em 22/11/2019
- GARCIA, A. B., et. al. Estratégias utilizadas por técnicos de enfermagem para enfrentar o sofrimento ocupacional em pronto socorro. **Rev. Rene**. v. 17, n. 2, 2016. Disponível: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3019>. Acesso 15/12/2018.
- JODAS, D. A.; HADDAD, M.C. L. Síndrome de Burnout em Trabalhadores de Enfermagem de um Pronto Socorro de Hospital Universitário. **Acta Paul Enferm**. v. 22, n. 2, p. 192-7, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n2/a12v22n2.pdf>. Acessado em 22/11/2019.
- JUNQUEIRA, M. A. B. et al. Uso de Álcool e Comportamento de Saúde Entre Profissionais da Enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**. v. 1, n. 1, p. 1-8, 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/0080-6234-reeusp-S1980-220X2016046103265.pdf>
Acessado 22/11/2019

LIMA, A. S. Prevalência e fatores associados a síndrome de Burnout nos profissionais da saúde da Atenção Primária de Juiz de Fora. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5695>. Acesso 15/12/2018.

LIMA, J. S. et al. Precarização do Trabalho da Enfermagem: uma reflexão do cenário atual. **Theme: Good practices of nursing representations. In the construction of society**, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/cie/article/view/5633/2414> Acesso 15/12/2018.

MACHADO, M.H. et al. Características gerais da enfermagem: o perfil sócio demográfico. **Revista Enfermagem em foco**. v. 1, n. 6, p.11-17, 2015a. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686/296>. Acesso em: 15/12/2019.

MACHADO, M. H. et al. Condições de Trabalho da Enfermagem. **Enferm. Foco**. v. 6, n. 4, p. 79-90, 2015b. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Condi%C3%A7%C3%A9s-de-trabalho-da-enfermagem.pdf>. Acessado em 22/11/2019

MASLACH, C. **Entendendo o Burnout. orgsStress e qualidade de vida no trabalho**. São Paulo: Atlas, 2005.

MENEGOL, A. A síndrome de burnout como doença ocupacional e a concessão do benefício (b91) pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). **Revista Jus Navigandi**. 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/59240/a-sindrome-de-burnout-como-doenca-ocupacional-e-a-concessao-do-beneficio-b91-pelo-instituto-nacional-do-seguro-social-inss>. Acesso em: 15/12/2019.

MERCEDES, M.C. et al. Síndrome de Burnout em enfermeiras da atenção básica à saúde: uma revisão integrativa. **Rev Epidemiol Control Infect**. v. 5, n. 2, p. 100-104, 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/af07/ee9a47b23f97fc59a02b6d1ad71b01f48a52.pdf>. Acesso em 15/12/18

MORAES FILHO, I. M.; ALMEIDA, R.J. Estresse Ocupacional No Trabalho Em Enfermagem No Brasil: Uma Revisão Integrativa. **Rev Bras Promoç Saúde**. v. 29, n. 3, p. 447-454, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4645>. Acesso em 15/12/2018.

MUNDSTOCK, E. et al. **Introdução à análise estatística utilizando o SPSS 13.0**. Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, A. P. T.; LOPES, I. L. P, FRAZÃO, F. L. **Estresse e sua relação com o cortisol: uma abordagem fisiopatológica nos profissionais de enfermagem**. Trabalho de

Conclusão de Curso, Faculdade de Ciências da Saúde de Barbacena–FASAB curso de graduação em enfermagem, 2014. Disponível em:
<https://www.unipac.br/site/bb/tcc/tcc-eb12dafe6617e6340e122bdd2bf98593.pdf>

RENNER, J. S. *et al.* Qualidade de Vida e Satisfação no Trabalho: A Percepção dos Técnicos de Enfermagem que Atuam em Ambiente Hospitalar. **Rev Min Enferm.** v. 18, n. 2, p. 447-453, 2014 Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/938>. Acessado em 22/11/2019.

SILVEIRA, M. As repercussões do trabalho noturno para os trabalhadores de enfermagem de unidades de cuidados intensivos. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria. 2014. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://coral.ufsm.br/ppg_enf/images/Mestrado/Dissertacoes/2014_2015/Dissertacao_Marlusse_da_Silveira.pdf&ved=2ahUKEwjrzbC-qTfAhVHQpAKHVgWAwwQFjAAegQIBRAB&usg=AOvVaw15drvOuDwwTdo62tkHA LRI. Acesso 16/12/18.

SARTORETO, I. S.; KURCGANT, P. Satisfação e Insatisfação no trabalho do Enfermeiro. **Brasileira de Ciências da Saúde.** v. 21, n. 2, p. 181-188, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/23408/17232>. Acesso 16/12/18.

SOUSA, C. V.; CABRAL, J. M. S.; BATISTA, N. K. A Síndrome de Burnout e o Trabalho de Técnicos de Enfermagem em um Hospital Privado. **Revista Alcance.** v. 26, n. 1, p. 61-76, 2018. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/13370/pdf>. Acessado em 22/11/2019.

SOUZA, A. M. J. *et al.* SÍNDROME DE BURNOUT: Fatores de risco em enfermeiros de unidades de terapia intensiva. **Revista Eletrônica da FAINOR.** v. 11, n. 2, p. 304-315, 2018. Disponível em: <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/750>. Acessado 22/11/2019.

SOUZA, L. L. *et al.* **Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes** Publicado online em 01/07/2014 Disponível em: http://www.cienciascognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908/pdf_13 Acessado em 22/11/2019

VASCONCELOS, E. M.; MARTINO, M. M. F.; FRANÇA, S. P. S. Burnout e sintomatologia depressiva em enfermeiros de terapia intensiva: análise de relação. **Rev. Bras. Enferm.** v. 71, n. 1, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672018000100135&script=sci_arttext&tlang=pt Acesso em 19/12/2019

VIEIRA, I. Conceitos de burnout: questões atuais da pesquisa e a contribuição da clínica. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.** v. 35, n. 1, p. 122-127, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=100515726009>. Acesso 15/12/2018